

Projeto: Materiais curriculares educativos online (MCEO) para a matemática na
Educação Básica

Coordenação: Prof. Marcelo Almeida Bairral

Autor: Wagner Marques

Reflexão

Lá estava eu, aula inaugural do Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), sentado ao lado do meu orientador, cujas primeiras palavras foram: “Vamos montar uma oficina de calculadoras?” Não fazia a menor ideia da dimensão daquilo, mas topei na hora. Aliás, como poderia responder não?

Assim, foram dados os primeiros passos para uma pesquisa sobre a utilização da calculadora em sala de aula. Inspirados em Bigode (este é ótimo em atividades desse tipo) e com alguns lampejos que sempre achamos que são de pura sabedoria, montamos a primeira oficina, que fomos aprimorando, à medida que ministrávamos e observávamos o comportamento dos participantes. Essas oficinas originaram o curso *Calculadoras no Ensino Médio*, do qual retiramos as respostas e comentários aqui apresentados.

Infelizmente não temos registros que mostrem a associação que os estudantes fizeram entre a atividade com operador constante e as sequências numéricas PA (progressão aritmética) e PG (progressão geométrica). No entanto, um dos alunos, o Silas, ao notar que a calculadora poderia ser utilizada nesses casos, exclamou: “Não vou mais ficar me matando!” Fico pensando, se eu tivesse essa mesma visão na época em que aprendi PA e PG, talvez pudesse argumentar com meu professor sobre a possibilidade de usarmos a calculadora. Muitos docentes ainda a abominam, mas entendemos que, de maneira inovadora, pode trazer bons frutos à educação.

Caso você utilize esse MCEO entre em contato conosco gepeticem@ufrj.br ou coloque suas contribuições no link comentários.

Isaque, um dos melhores alunos da turma naquele ano, ficou muito intrigado ao tentar realizar a tarefa com sua calculadora científica. A frustração tomou conta dele quando apertou a tecla de igual (=) e nada aconteceu, ou seja, o mesmo número se repetiu. Aquele adolescente tão inteligente não conseguia admitir que sua “sofisticada” calculadora não fizesse o que uma simples calculadora de bolso podia realizar. Lembrei-lhe de que havia comentado que não haveria necessidade de trabalharmos com a calculadora científica e que tudo poderia ser resolvido com a comum. Para mudar o seu semblante, mostrei-lhe algumas funções que diferenciavam a calculadora dele das outras e que permitiam realizar tarefas impossíveis para as calculadoras comuns.

Questionando sobre o motivo pelo qual a calculadora repetia as operações, recebi a seguinte resposta de Gleyciane: “É a lei das coisas!” O que seria essa “lei das coisas”? Será que a “lei das coisas” é usada para desvendar o que não temos argumentos para conseguirmos explicar? Será que essa tal “lei das coisas” é a responsável por aceitarmos a educação como ela está e não fazemos algo diferente? Nunca disse a ela, mas, agora, refletindo sobre isso, acho que a “lei das coisas” pode se assemelhar ao que entendemos por acomodação.